

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E SAÚDE MENTAL: DESAFIOS ENFRENTADOS POR DOCENTES UNIVERSITÁRIOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

EMERGENCY REMOTE TEACHING AND MENTAL HEALTH: CHALLENGES FACED BY UNIVERSITY PROFESSORS DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Wellyngton Ribamar Silva Poli^{1*}

Lucineia Lopes Bahia Ribeiro²

¹ Mestrando em Administração na FEA-USP

² Docente Assistente do ICA-UFGM

*Autor para correspondência: wellyngtonpoli@gmail.com

RESUMO

Este artigo teve por objetivo investigar, no contexto da pandemia do Covid-19, os impactos provocados pelo ensino remoto emergencial na saúde mental de docentes universitários de uma instituição federal de ensino superior. Foi realizada uma pesquisa exploratória, por meio de entrevistas individuais orientadas por uso de roteiro. A partir da análise de conteúdo de Bardin (1977), buscou-se investigar os impactos do ensino remoto emergencial na saúde mental relacionados à prática docente e ao trabalho. Nas discussões expostas, encontramos como impactos gerados o sentimento de não conseguir ensinar, dificuldades de adaptação tecnológica e pouca interação com os discentes, a sobrecarga de trabalho e o isolamento social. Como consequências destes impactos houveram sintomas como insegurança, medo, abandono, falta de paixão no trabalho, desmotivação, medo do desconhecido, sensação de isolamento, frustração e angústia, estresse, sentimento de raiva, crise de pânico, depressão, contaminação do tempo de lazer através da perda da distinção dos horários de trabalho e de ócio. Os achados se encontram em sintonia com outros estudos e contribuem para a discussão sobre a importância de considerar os impactos psicossociais nos processos de implementações de novas formas de ensino.

Palavras-chave: Covid-19; Saúde Mental; Ensino Remoto Emergencial.

ABSTRACT

This article aimed to investigate the impacts of emergency remote teaching on the mental health of university teachers in the context of the Covid-19 pandemic. Exploratory research was carried out through individual interviews guided by a script. Based on Bardin's (1977) content analysis, we sought to investigate the impacts of remote emergency, teaching on mental health related to teaching practice and work. In the discussions, we found that the following impacts were generated: the feeling of not being able to teach, difficulties in technological adaptation and little interaction with students, work overload, social isolation. And as consequences of these impacts, symptoms such as insecurity, fear, abandonment, lack of passion for work, demotivation, fear of the unknown, feeling of isolation, frustration and anguish, stress, feeling of anger, panic attack, depression, contamination of

leisure time through the loss of the distinction between working hours and leisure time. The findings align with other studies and contribute to the discussion of the importance of considering psychosocial impacts in implementing new forms of teaching.

Keywords: *Covid-19; Mental Health; Emergency Remote Learning.*

INTRODUÇÃO

No contexto de pandemia, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, como emergência de saúde pública de importância internacional, o Brasil foi afetado de forma significativa, com mais de 600 mil óbitos atingindo o sistema de saúde, a economia, o cotidiano das pessoas nas diversas esferas, dentre elas a educação (BRASIL, 2022; FARIAS *et al.*, 2020). Para se adaptar à nova realidade vigente, as instituições de ensino realizaram adaptações aos protocolos de saúde, realizando em diversas instituições de ensino superior a suspensão imediata das atividades acadêmicas presenciais (DOLABELLA *et al.*, 2021; SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021).

Frente a esse cenário, na busca de possibilitar a continuidade e o retorno das atividades acadêmicas, instituições de ensino públicas e privadas passaram a adotar novas formas de dar continuidade às aulas a partir do modelo remoto, com apoio da *internet*, formato que dentre outros nomes ficou conhecido como Ensino Remoto Emergencial (ERE). Devido ao curto período de treinamentos e ao contexto caótico gerado pela pandemia, o processo de implementação do ERE ocorreu de formas muitas vezes impositivas e pouco planejadas, afetando de forma significativa a dinâmica da vida e trabalho dos docentes (LOSEKANN; MOURÃO, 2020).

Ao trazer o trabalho para dentro de casa, os docentes passaram a enfrentar novos desafios, como dificuldades de adaptação tecnológica, exigências pedagógicas, sobrecarga de tarefas e a necessidade de quebra de paradigmas metodológicos que culminaram em um cenário de precarização do trabalho (MONTEIRO; SOUZA, 2020). Neste ambiente precário, o medo emergiu como um elemento central da rotina dos docentes, tendo sido criado o termo “Covid-pedago-phobia” para descrever a influência dos medos, do desconhecido, da insegurança do uso das tecnologias avançadas e da fobia social provocada pelo ambiente virtual isolado (EACHEMPATI; RAMNARAYAN, 2020).

O aumento de casos de depressão, ansiedade, estresse e solidão geram impacto negativo na saúde mental e há indícios de consequência no prejuízo do ensino em sala de aula (ARAÚJO, 2020). Ainda que o contexto pandêmico e de Ensino Remoto Emergencial tenha sido superado, se importar com o trabalho docente e ouvir as vozes silenciadas destes trabalhadores durante o período de adoção do ERE podem contribuir para repensar e planejar novas ações relacionadas à organização do trabalho docente em casos emergenciais.

Assim, o presente trabalho tem por objetivo investigar os impactos provocados pelo Ensino Remoto Emergencial na saúde mental de docentes universitários.

Além desta seção introdutória, o presente artigo possui outras quatro seções, sendo elas respectivamente, o referencial teórico, a metodologia, a análise dos resultados, e por fim as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Investigar os impactos da Pandemia de Covid-19 na saúde mental requer a compreensão de uma somatória de fatores que se transpõem e se interpelam entre si, para além dos determinismos psíquicos individuais. Investigar a saúde mental parte também da investigação do contexto em que o sujeito está in-

serido e, nesse sentido, é essencial conhecer o histórico, as demandas e o cenário em que o trabalhador docente teve de viver para poder verificar os efeitos na saúde mental. Desse modo, a presente seção se dividirá em duas subseções: a primeira “Pandemia e o Ensino Remoto Emergencial”; e a segunda “Saúde Mental dos Docentes Universitários na Pandemia”.

PANDEMIA E O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Mediante a circulação do novo coronavírus, a Organização Mundial da Saúde declarou, em 30 janeiro 2020, haver confirmação de contágios em vários países. No caso do Brasil, em 7 de fevereiro já havia nove casos em investigação, com elevadas estimativas de transmissibilidade. Além disso, estudos demonstram que a letalidade do SARS-CoV-2 era majoritariamente associada a pacientes idosos ou à presença de comorbidades que afetavam o sistema imunológico. No início houveram relativamente poucos estudos clínicos e muitos casos de hospitalização (LANA *et al.*, 2021).

Para evitar e desacelerar a propagação do vírus foi necessária a criação de medidas de proteção, distanciamento e isolamento social, tais como: o uso de máscaras e outros equipamentos de proteção individual, distanciamento de no mínimo 2 metros entre as pessoas, isolamento no caso de apresentação de sintomas, uso de álcool 70%, entre outros (AQUINO *et al.*, 2021). Face ao exposto, o Ministério da Educação brasileiro regulamentou, através da Portaria nº544 de 16 de junho de 2020, a substituição das aulas presenciais por aulas remotas, enquanto durasse a pandemia de Covid-19 (BRASIL, 2020).

A partir disso, as universidades brasileiras tiveram a possibilidade de retomar as suas atividades através de modelos de ensino remoto. Desse modo, as instituições de ensino obtiveram autonomia para definir: a sua estrutura curricular, a disponibilização dos recursos de interatividade para a realização das atividades letivas e das avaliações, bem como normatizar o estágio curricular e as práticas que exigissem laboratórios especializados. Esta reestruturação ocorreu em meio aos diversos indícios de agravamento dos impactos da pandemia na capacidade de aprendizado, na saúde e no bem-estar da comunidade escolar.

Autores apontam que, para os estudantes, predominavam sentimentos de ruptura da rotina pessoal, incerteza, desconforto emocional e consequências psicológicas: angústia, ansiedade, depressão, abuso de substâncias, dificuldade para dormir e alterações alimentares (SILVA; ROSA, 2021). Quanto aos docentes, foram identificadas necessidades de adaptação da carga horária, das ferramentas de trabalho (estratégias de ensino/interação com a tecnologia) e até mesmo o esgotamento profissional, em especial, impactos na saúde mental pelos sinais de ansiedade, cansaço, insegurança, medo e outros (SANTOS, 2020).

SAÚDE MENTAL DOS DOCENTES UNIVERSITÁRIOS NA PANDEMIA

Como exposto anteriormente, com a implementação do Ensino Remoto Emergencial (ERE), a dinâmica de trabalho dos docentes universitários passou por transformações. A mudança de um modelo presencial para um modelo não-presencial, desenhado de maneira emergencial e pouco planejada, fez com que docentes tivessem pouco tempo para se moldar a este novo cenário. Novas exigências surgiram e os docentes tiveram de adaptar suas metodologias e técnicas e aprender novas tecnologias de trabalho, tudo em meio a um cenário de crise sanitária e humanitária (MONTEIRO; SOUZA, 2020).

É importante compreender a saúde mental dos docentes através da construção do contexto, entendendo que a profissão de docente universitário por ela mesma, já é responsável por chances maiores de desenvolvimento de transtornos mentais e comportamentais, tais como estresse, depressão, ansiedade e *burnout*, quando comparado com demais profissões. Além disso, o cenário político de precarização do trabalho em que se encontram os professores também devem ser levados em consideração como possíveis fatores desencadeadores de prejuízos à saúde mental (MONTEIRO; SOUZA, 2020).

Dentre as formas de continuidade das práticas pedagógicas e administrativas na pandemia adotou-se

o teletrabalho, caracterizado pela prestação de serviços fora das dependências convencionais, com uso de tecnologias de informação e de comunicação. De acordo com Losekann e Mourão (2020), o teletrabalho proporcionou um aumento na intensidade do trabalho, que passou a invadir, ocupar e dividir espaços com outras atividades do indivíduo, como espaços de convívio familiar e social, podendo gerar diminuição dos espaços para momentos de descanso e ócio, importantes para a reabilitação da saúde física e mental.

Valente *et al.* (2020) discorrem sobre a existência de um aumento da demanda de tempo para a execução do ensino, a necessidade de mais horas para a produção de aulas tornou algo comum para docentes universitários, afirmação corroborada também pelo estudo de Barbosa, Viegas e Batista (2020) em que a maioria dos docentes respondentes da pesquisa relataram um aumento de cerca de 40% de carga de trabalho para a preparação de aulas remotas. Além do aumento na demanda de trabalho no tempo de dedicação para a criação de aulas, esses docentes tiveram, em sua maioria, que custear a adaptação tecnológica necessária para o ERE. Valente *et al.* (2020) indicam que, dos docentes respondentes, 91,9% possuíam recursos para dar aulas remotas, todavia quando perguntado se haviam recebido incentivos financeiros das instituições que lecionam para a adaptação, 79% deram uma resposta negativa.

Para além das condições do cenário global e do ambiente de trabalho que o docente está inserido, a prática nas salas virtuais traz uma nova dinâmica laboral ao professor, onde a presença e a interação dos estudantes são inferiores ao que ocorre no ambiente presencial, além disso câmeras fechadas, microfones desligados e a falta de trocas de experiências e debates tornaram-se presentes no cotidiano do ERE (BARBOSA; VIEGAS; BATISTA, 2020). As aulas expositivas se estabeleceram de maneira praticamente unidirecional, sem a ocorrência de interações e partilhas face a face entre estudante e professor, aumentando assim a percepção de isolamento dos docentes ao sentirem que estão falando sozinhos (EACHEMPATI; RAMNARAYAN, 2020; SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021).

Esta experiência de se sentir falando sozinho aparece como sintoma da isolofobia, termo que se refere ao medo do isolamento sentido pelo professor devido à escassez de interações e discussões com a sala de aula. Esse é um dos medos e fobias vivenciados por docentes universitários no momento da transição para o ensino remoto emergencial, os quais em conjunto compõem o termo Covidio-pedago-phobia (EACHEMPATI; RAMNARAYAN, 2020).

Além da isolofobia, anteriormente mencionada, constituem-se parte do conceito as fobias tais como: a xenofobia, definida como o medo do desconhecido, neste caso da transição dos quadros aos computadores e do desconforto em aprender uma língua estrangeira, do receio de serem “imigrantes digitais” instruindo as gerações de “nativos digitais” em um local desconhecido aos professores; a tecnofobia, o medo da tecnologia avançada e a desconfiança em relação a esses meios; a fobia social, pelo medo de se sentir julgado pelos alunos ao demonstrar dificuldade ou incapacidade de utilizar ferramentas tecnológicas não dominadas (EACHEMPATI; RAMNARAYAN, 2020).

Finalizada esta seção de fundamentação teórica, partimos para os procedimentos metodológicos adotados pela pesquisa.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa social, pois se utiliza de metodologia científica para permitir a obtenção de novos conhecimentos de uma realidade social estudada (GIL, 1989). Quanto à abordagem de investigação, caracteriza-se como qualitativa visto que trabalha com valores e relações sociais que não se podem reduzir a articulações de variáveis (MINAYO, 2002) e quanto aos objetivos, caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, pois tem por estudo o desenvolvimento geral e inicial de um assunto (GIL, 1989).

A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista, que possibilitou a obtenção de dados a respeito

do comportamento humano com maior profundidade. O ato da entrevista teve como suporte o roteiro de perguntas semiestruturado, gerando uma liberdade ao pesquisador para articular perguntas pré-estabelecidas com questões levantadas durante a entrevista (GIL, 1989). As entrevistas ocorreram de maneira virtual através de videoconferências com duração de aproximadamente uma hora por meio do *Microsoft Teams*, e utilizou-se do auxílio do recurso de gravação para posterior transcrição e análise das respostas. As entrevistas foram realizadas entre 19 janeiro e 02 de fevereiro de 2022.

A busca dos entrevistados se deu pelo critério de acessibilidade. A quantidade total de entrevistados foi de cinco docentes universitários de uma instituição de ensino superior federal, com o recorte da população de somente professores do curso de Administração.

Para a compreensão dos dados, utilizou-se como método a análise de conteúdo de Bardin (1977), que tem por objetivo compreender através de fragmentos de mensagens as características, modelos ou estruturas sociais do objeto de análise (CÂMARA, 2013).

Seguindo preceitos da técnica de análise de conteúdo, a análise dos dados dividiu-se em 3 fases. Na fase de pré-análise realizou-se a transcrição das entrevistas e a leitura flutuante. A partir da leitura flutuante foram identificados 2 temas para organização, sendo eles: os impactos do ERE na saúde mental relacionados à prática docente; os impactos na saúde mental relacionados ao trabalho.

Na segunda fase, de exploração do material, buscou-se codificar e categorizar os dados, para isso, inicialmente foram identificados os sintomas e impactos na saúde mental dos docentes. Após a identificação, através de um modelo de causalidade, foram categorizadas as causas e suas consequências. E, por fim, as causalidades foram incorporadas aos temas correspondentes. Por exemplo, identificou-se o sintoma de estresse, como consequência da seguinte causa: sobrecarga de trabalho. Esta relação específica de causa e consequência foi alocada no tema “Impactos do ERE na saúde mental relacionados ao trabalho”.

Na terceira fase, de tratamento dos resultados, inferências e interpretação, foi feita a análise dos quadros obtidos pela primeira e segunda fases, através da análise das unidades de contexto do texto como um todo para a interpretação dos sintomas e impactos, e posteriormente cruzou-se os achados com os referenciais teóricos adotados na pesquisa.

Visando garantir o sigilo e os aspectos éticos da pesquisa, foram atribuídos nomes fictícios aos docentes entrevistados. Dito isso, no quadro abaixo observam-se as características do perfil dos entrevistados.

Figura 1. Perfil dos Entrevistados

Nome	Idade em anos	Sexo	Formação	Área de conhecimento (CNPQ)	Especialização	Tempo de docência no ens. Superior (em anos)	Faixa Salarial em Qtd. Salários Mínimos
Vitor	46-55	Masculino	Comunicação Social	Ciências Sociais Aplicadas	Mestrado: Engenharia de Produção Doutorado: Educação	18	6 a 15
Antônio	46-55	Masculino	Engenharia Agronômica	Ciências Agrárias	Mestrado e Doutorado em Zootecnia	14	6 a 15
Jorge	46-55	Masculino	Administração	Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas	Mestrado: Administração Doutorado: Desenvolvimento Social	18	6 a 15
Henrique	36-45	Masculino	Engenharia Alimentos	Ciências Agrárias	Mestrado: Eng. Alimentos com ênfase em Administração e Estratégia	5	6 a 15
Ricardo	26-35	Masculino	Administração e Letras Inglês	Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes	Doutorado: Administração Mestrado: Administração	7	6 a 15

Fonte: Dados da pesquisa

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta seção será dividida em duas subseções: os impactos na saúde mental relacionados à prática docente e os impactos na saúde mental relacionados à organização do trabalho.

IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL RELACIONADOS À PRÁTICA DOCENTE

A realidade do Ensino Remoto Emergencial trouxe consigo desafios em diversas etapas, desde a implementação, a continuidade e o aperfeiçoamento do ensino. Ainda que houvessem treinamentos dedicados à adaptação às ferramentas tecnológicas, o processo de migração de conteúdos pedagógicos e as novas formas de interações sociais entre professor e aluno foram desafios a serem enfrentados.

Diante da substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, a adaptação tecnológica trouxe a sensação de medo daquilo que é desconhecido, de que não se tem domínio, mas precisa ser utilizado, conforme relatam os excertos de Vitor, Jorge e Henrique acerca dos padrões de insegurança causados por este processo de adaptação.

Excerto 01

Ter que lidar com as ferramentas virtuais e o ensino remoto foi uma novidade para mim que não tinha muita experiência nesse modelo de ensino. [...] Não me

senti preparado, embora procurei fazer algumas atualizações e aprender utilizar essas ferramentas [...] busquei formação, treinamentos, mas não me senti preparado (VITOR).

Excerto 02

Eu nunca trabalhei com ensino a distância e diante da pandemia eu me vi forçado nesse sentido [...] não queria interromper as atividades em função de toda uma dinâmica de trabalho [...] é importantíssimo considerar a cooperação, mas não sou dos mais habilidosos em tecnologia (JORGE).

Excerto 03

Entramos no Remoto forçadamente, por necessidade, de forma abrupta, uma mudança repentina [...] hoje tenho convicção que não sou professor para o Ensino Remoto [...] Muitos dos professores não entendiam da parte de informática, o aprendizado foi na prática (HENRIQUE).

A partir dos excertos 01, 02 e 03, verifica-se o sentimento ambíguo dos professores que, ao mesmo tempo em que se sentiram inseguros e despreparados para realizar a sua função, se viam forçados a utilizarem recursos que não dominavam. É possível traçar um paralelo entre esses excertos com os resultados obtidos também por Monteiro e Souza (2020), ao citarem as dificuldades dos docentes para se adequar ao novo modelo em um curto espaço de tempo.

Assim como também a tecnofobia, descrita pelos mesmos autores, como a sensação de insegurança, autocobrança, medo do julgamento e até a fobia social pela inabilidade para manusear ferramentas tecnológicas.

Assim como o ambiente se transformou, as interações também se transformaram e com elas surgiram novas mazelas para prática docente no ERE, como a perda da validação da prática docente, revelada a partir de falas que evidenciam a sensação de insegurança ao acreditar não estar conseguindo ensinar o conteúdo para os alunos, conforme relatos nos excertos 04, 05, 06.

Excerto 04

Existia uma incerteza, se estou passando tudo de forma correta devido ao tempo curto. Será que está sendo possível os estudantes conseguirem assimilar as coisas? Será que estou percebendo as dificuldades dos estudantes? (VITOR).

Excerto 05

Ao mesmo tempo o desconhecido como será então? Será que estão me ouvindo bem? Será que estão entendendo? Será que eu preparei minimamente uma aula razoável ou boa? [...] Um efeito de desgaste muito grande, que a aula não foi a apropriada, ou que foi pouco interessante [...] parece que é a sensação de um roubo de energia.” (JORGE).

Excerto 06

O Remoto limita as interações, não sabendo o aproveitamento do aluno [...] já tinha experiência com videoconferências, mas é muito estranho comunicar com o monitor, não abertura de câmera pelo aluno. Nas primeiras aulas ficava falando, sem saber que havia alguém conectado (HENRIQUE).

Neste contexto de escassa interação entre professor e aluno, a baixa frequência e a não reciprocidade de recursos audiovisuais (câmeras e microfones), aparecem como um fator desmotivador que alimenta angústias e inseguranças.

Estas evidências de baixa interação entre professor e aluno foram tratadas por Barbosa, Viegas e Batista (2020) a partir da identificação de relações unidirecionais, em que não há compartilhamento da “presença” e a troca de experiências, predominando assim, a percepção dos docentes de estarem falando sozinhos. Essa dificuldade de entrosamento também é enfatizada por Eachempati e Ramnarayan (2020) como isolofobia, o medo do isolamento e fobias, que vivenciados no momento da transição para o ensino remoto emergencial pelos docentes universitários é classificada como Covidio-pedago-phobia.

Para além dos sintomas evidentes como o medo e a insegurança que aparecem repetidas vezes nas falas dos docentes, um fato danoso que está associado ao sofrimento no trabalho diz respeito à impossibilidade da realização de si e do seu não reconhecimento naquilo que faz (LHUILIER, 2013). Por diversas vezes os docentes relataram além do sentimento de solidão, o sentimento de não conseguir cumprir ou realizar a função que lhes cabe, de dar aulas, ensinar e transformar. Inseguranças vividas como “será que os alunos conseguem me entender?” potencialmente podem se transformar em “a minha aula não é interessante”, em que a dor da situação é transferida como uma responsabilidade do próprio docente e não do modelo de ensino adotado de forma emergencial.

IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL RELACIONADOS AO TRABALHO

Para além dos impactos da vivência em sala de aula e na dinâmica do ensino, foram encontrados impactos vinculados ao trabalho fora da sala de aula, sejam decorrentes das atividades administrativas, de pesquisa, de extensão, ou até mesmo do próprio preparo para as aulas. Entre os fatores encontrados referentes ao trabalho, a sobrecarga de trabalho neste modelo constitui-se um fator desencadeador comum em todas as entrevistas. E como impactos na saúde mental foram verificados casos de estresse, sentimento de raiva, cansaço, contaminação do tempo de lazer pelo trabalho, crise de pânico e depressão.

Na situação analisada, todos os docentes entrevistados apresentaram a sobrecarga de trabalho como um fator intrínseco ao modelo de ensino remoto emergencial, conforme exemplificado nos trechos das entrevistas com os docentes Vitor e Ricardo.

Excerto 07

As aulas assíncronas foi um trabalho brutal, para produzir um vídeo de 20 minutos exige um trabalho grande de preparo[...] dessa forma eu gastava dois dias de trabalho pra uma aula de 20 minutos, dois dias de trabalho [...] O que foi difícil para mim foi a questão do tempo, exigências institucionais e como lidar com as tarefas dentro de casa. Certamente eu trabalhei muito mais que as 40 horas semanais (VITOR)

Excerto 08

O professor de modo geral já é sabido que ele costuma trabalhar além da sua carga horária [...] no ensino remoto isso é mais intensificado ainda, acho que isso gerou em mim um impacto muito grande, eu percebi que eu não parava de trabalhar simplesmente. Tirando o momento que eu estava dormindo mesmo, o restante era na frente de um computador (RICARDO).

A sobrecarga de trabalho gerada pelo ensino remoto emergencial foi apresentada pelos docentes, na maioria das vezes, como um elemento desencadeador dos sentimentos e sintomas. Esta sobrecarga de trabalho foi apontada nas entrevistas como resultante do aumento da demanda em vários âmbitos institucionais, como na preparação das aulas assíncronas, nas atividades administrativas e coordenadori-

as, atividades de pesquisa e extensão, assim como uma redução no tempo disponível devido ao excesso de reuniões.

Estas evidências corroboram os estudos de Losekann e Mourão (2020), ao afirmarem que o teletrabalho provocou um aumento na intensidade do trabalho além de invadir, ocupar e dividir espaços com outras atividades do indivíduo, como o tempo para família e amigos. Possuem consonância também, com os estudos de Valente *et al.* (2020) e Barbosa, Viegas e Batista (2020), ao indicarem que houve um aumento na carga horária de trabalho para a preparação de aulas remotas. Este aumento de demanda em diversos níveis gerou consequências recorrentes nos docentes, como por exemplo, o cansaço físico e mental conforme pode ser observado na entrevista com Jorge.

Excerto 09

Mas sinceramente né, eu já cansei, saio do processo muito cansado, cansado fisicamente, cansado mentalmente, essa história do trabalho em casa, por mais que foi possível para o trabalho seguro, mas a carga de trabalho parece que foi triplicado né, não se sabia mais o que era o momento de casa (JORGE).

Este sentimento de cansaço físico e mental, alinhado com a perda da paixão por dar aulas, foram sensações encontradas frequentemente nas entrevistas. Existe uma percepção de desgaste do docente em continuar neste modelo e isto reflete-se também na falta de paixão para continuar dando aulas. O cansaço por continuar neste modelo de ensino é um elemento que se repete também nos relatos dos estudos de Honorato e Marcelino (2020).

O compilado dessas circunstâncias envolvendo sobrecarga de tarefas, a falta de participação e interação dos alunos, que se tornaram inerentes ao ERE, fizeram com que a paixão por dar aulas fosse substituída pela sensação de obrigatoriedade de cumprir aquela função.

Foram encontrados também sintomas adversos como estresse, raiva, depressão e crise de pânico, que foram avaliados pelos docentes universitários como elementos que não surgiram com o ensino remoto emergencial, mas que com este modelo, alinhado a questões pessoais, sociais e ao cenário de isolamento social da pandemia, acabaram por desencadear o agravamento destas mazelas. Identifica-se, portanto, o papel do ERE como intensificador e não como o provocador dos sintomas, conforme pode ser observado no relato concedido por Ricardo.

Excerto 10

[...] ao ouvir sobre o tema de saúde mental e problemas decorrentes de permanecer em casa. Inicialmente eu achava isso tão distante da minha realidade e pensava que não iria enfrentar isso. Até que o tempo foi passando e quando me assustei estava passando por crise de ansiedade e depressão.[...] Em 2021 passei por algumas crises de ansiedade e pânico e a rotina de ficar em casa gera um impacto em você [...] Eu estava dirigindo um dia e comecei ter taquicardia, falta de ar e sentindo minha garganta fechando, depois descobri que naquele momento eu tive um ataque de pânico, tive sensação que iria morrer [...] Ao buscar tratamento eu descobri que o ERE não é necessariamente a causa de alguns problemas de saúde mental, mas ele pode ser um intensificador de problemas motivados por outras causas raízes. (RICARDO).

A partir do relato de Ricardo são observados alguns sintomas como: crise de ansiedade, depressão, falta de ar, taquicardia e ataques de pânico. Tais achados corroboram os estudos de campo e revisões mencionadas neste trabalho. Outros autores também encontraram a depressão como uma consequência do ERE na pandemia (LOSEKANN; MOURÃO, 2020; MONTEIRO; SOUZA, 2020; SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021). Da mesma forma, foram encontrados sintomas do ataque ou transtorno de pânico e crises de ansie-

dade como decorrentes da sobrecarga e acúmulo de pressões do ERE (EACHEMPATI; RAMNARAYAN, 2020; LOSEKANN; MOURÃO, 2020; MONTEIRO; SOUZA, 2020).

Ainda que sob perspectivas distintas, os relatos desta seção convergem para impactos direcionados principalmente relacionados à sobrecarga de trabalho durante o ERE. A partir dos relatos, levanta-se uma reflexão quanto aos impactos de uma implementação não planejada de uma nova organização do trabalho pensada apenas como de caráter “paliativo”. Se por um lado a implementação deste modelo garantiu a continuidade do ensino, por outro ele foi sustentado à custa de adoecimentos, *burnout*, estresse e crises de pânico e ansiedade sofridos pelos docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar os impactos provocados pelo ensino remoto emergencial na saúde mental de docentes universitários de uma instituição federal de ensino superior. A partir da análise de conteúdo, aplicada aos dados coletados por meio de entrevistas com cinco docentes, foram encontradas consequências diversas derivadas do ensino remoto emergencial, ou que se intensificaram com a adesão desta metodologia de ensino e com mudanças no contexto social.

Os achados foram divididos em dois grandes temas. No primeiro tema, alocaram-se os impactos que se relacionam à saúde mental e à prática docente, cujos impactos foram: a sensação de não conseguir ensinar, as dificuldades de adaptação tecnológica e a pouca interação com os discentes. E a partir destes impactos identificou-se como consequências sintomas e sentimentos de insegurança, medo, abandono, falta de paixão no trabalho, desmotivação, medo do desconhecido, sensação de isolamento, frustração e angústia.

No segundo tema foram agrupados impactos que se relacionam a questões do trabalho. A sobrecarga de trabalho foi identificada como uma causa de consequências como o estresse, o sentimento de raiva, crise de pânico, depressão, e a contaminação do tempo de lazer devido a perda da distinção dos horários de trabalho e de ócio.

A partir destes resultados, compreende-se um alinhamento com o que a literatura vem apontando, uma vez que houve consonância com os resultados encontrados por autores como Barbosa, Viegas e Batista (2020), Eachempati e Ramnarayan (2020), Honorato e Marcelino (2020), Monteiro e Souza (2020), Losekann e Mourão (2020) e Valente *et al.* (2020).

Este estudo teve por limitações a diversidade do perfil dos docentes universitários entrevistados, assim como a análise que se limitou aos contextos pessoais dos docentes, não abordando de forma consistente e sistemática as influências do ambiente social, das conjunturas políticas e da integração das influências do social no âmbito individual.

Espera-se que este artigo possa contribuir para o debate acerca de como a implementação de metodologias de ensino e aprendizagem, e de novas formas de organizar o trabalho docente, pode gerar situações de sofrimento e de adoecimento físico e mental. E assim, reafirma-se a necessidade de que em futuros processos de implementação, sejam consideradas essas dimensões psicossociais de atenção ao trabalhador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J.N.G. Neoliberalismo e horizontes da precarização do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 79-93, 2020. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v23i1p79-93. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/163848>>. Acesso em: 3 jan. 2022.

AQUINO, E.M.L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 2423-2444, 2021. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csc/a/4BHTCFF4bDqq4qT7WtPhvYr/?lang=pt>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

BARBOSA, A.M.; VIEGAS, M.A.S.; BATISTA, R.L.N.F.F. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. *Revista Augustus*, v. 25, n. 51, p. 255-280, 2020. Disponível em:

<<https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/565/302>>. Acesso 08 dez. 2021.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Covid-19: 22.602.506 pessoas estão recuperadas no Brasil. 2022*. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/informes-diarios-covid-19/covid-19-22-602-506-pessoas-estao-recuperadas-no-brasil>>. Acesso em: 04 fev 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020*. Disponível em:

<<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

CÂMARA, R.H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações.

Gerais, *Rev. Interinst. Psicol.*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul. 2013. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 fev. 2022.

DOLABELLA, A.C.; MOREIRA, A.J.; RESENDE, A.; MARTINS, B.; RABELO, N. DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL. *Consciência: A VIRTUALIZAÇÃO DO ENSINO, RESSIGNIFICANDO A APRENDIZAGEM*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 1-6, 26 mar. 2021. Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/18143/1125614020>> Acesso em: 23 nov. 2021.

EACHEMPATI, P.; RAMNARAYAN, K. Covidio-pedago-phobia. *Medical Education*, v. 54, n. 8, p. 678-680,

2020. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7300974/pdf/MEDU-9999-na.pdf>>. Acesso em 04 dez. 2021.

FARIAS, M.A.F.; SANTOS JÚNIOR, G.P.; MORAES, H.L.B.; NASCIMENTO, S.M. DE ENSINO PRESENCIAL PARA O REMOTO EMERGENCIAL: adaptações, desafios e impactos na pós-graduação. *Interfaces Científicas - Educação*, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 180-193, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p180-193>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

GIL, A.C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989. 206 p.

HONORATO, H.G.; MARCELINO, A.C.K.B. A arte de ensinar e a pandemia COVID-19: a visão dos professores. *REDE-Revista Diálogos em Educação*. v. 1, n. 1, p. 208-220, 2020.

LANA, R.M.; COELHO, F.C.; GOMES, M.F.C.; CRUZ, O.G.; BASTOS, L.S.; VILLELA, D.A.M.; CODEÇO, C.T.

Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 00019620, n. 36, p. 1-5, 13 mar. 2021. Mensal.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/sHYgrSsxqKTZNK6rJVpRxQL/?lang=pt>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

LHUILIER, D. Trabalho. Tradução de Fernanda Spanier Amador. *Psicologia & Sociedade*, Paris, v. 3, n. 25, p. 483-492, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/vQWnZ39cZTfCWFLnNF5Lzcs/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

LOSEKANN, R.G.C.B.; MOURÃO, H.C. Desafios do teletrabalho na pandemia Covid-19: quando o home vira office. *Caderno de Administração*, v. 28, p. 71-75, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53637/751375150139>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

MINAYO, M.C.S. (Org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTEIRO, B.M.M.; SOUZA, J.C. Saúde mental e condições de trabalho docente universitário na pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, p. e468997660-e468997660, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7660/6644>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

SANTOS, G.M.R.F.; SILVA, M.E.; BELMONTE, B.R. COVID-19: emergency remote teaching and university professors' mental health. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 237-243, fev. 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9304202100s100013>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

SANTOS, H.M.R. Os desafios de educar através da Zoom em contexto de pandemia: investigando as experiências e perspectivas dos docentes portugueses. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, e2015805, p. 1-17, 2020. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15805/209209213515>>. Acesso em: 04 fev. 2022.

SILVA, S.M.; ROSA, A.R. O IMPACTO DA COVID-19 NA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES E O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO COMO FATOR DE PROMOÇÃO E PROTEÇÃO. *Revista Práxis*, Novo Hamburgo, n. 2, mai/ago2021. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2446>>. Acesso em: 26 out 2021.

VALENTE, G.S.C. *et al.* O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática docente. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, p. e843998153-e843998153, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153/7109>>. Acesso em 08 dez. 2021.